

Área temática: Empreendedorismo e Inovação.

Título do trabalho: Tendência empreendedora: perfil dos alunos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria.

AUTORAS

ALINE MEDIANEIRA RAMIRO VEDOIN
UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA
alinevedoin@yahoo.com.br

OLGA MARIA CORREA GARCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA
olgagarcia28@gmail.com

Resumo do trabalho: A tendência empreendedora dos alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria foi estudada por meio da realização de uma pesquisa, com objetivo geral de traçar o perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. A coleta de dados deu-se com a aplicação do teste TEG (Tendência Empreendedora Geral), instrumento amplamente difundido em instituições de ensino para avaliar o nível de empreendedorismo dos alunos. O instrumento foi aplicado para identificar características do comportamento empreendedor e possibilitou analisar a tendência empreendedora dos alunos por meio de cinco categorias: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação. A partir dos resultados, observou-se um nível muito baixo de empreendedorismo entre os alunos pesquisados, o que mostra a necessidade de uma educação empreendedora como forma de ensino e estímulo para a busca de soluções, criação e gestão de empreendimentos competitivos. Sendo assim, novos estudos devem ser desenvolvidos, para dar continuidade à análise do perfil empreendedor de alunos dos cursos de Arquivologia, pois dessa forma, pode-se analisar se nossos programas de graduação têm atendido às perspectivas empreendedoras.

Palavras-chave: perfil dos alunos; curso de Arquivologia da UFSM; empreendedorismo.

Abstract: The entrepreneurial tendency of the students from the Archivology Course at Universidade Federal de Santa Maria was object of a study through a research carried out aiming to trace the entrepreneurial profile of these students from the Archivology Course at Universidade Federal de Santa Maria. The data collection was made through the appliance of a test of GET (General Enterprising Tendency), a largely used instrument used in Education Institution to evaluate their students' entrepreneurial level. The instrument was applied to identify characteristics of an entrepreneurial behavior and, it made it possible to analyze the students' entrepreneurial tendency by means of five categories: need of success, need of autonomy, creative tendency, risk taking and, impulse and determination. From the results, we observed a very low level of entrepreneurship among the students and, it demonstrates the necessity of entrepreneurial education as a way of teaching and stimulating the search for solutions, creation and management of competitive enterprises. Therefore, further studies should be carried out to continue with the analysis of the entrepreneurial profile of the students from Archivology Courses because it is the way to verify if the under-graduation programs meet the entrepreneurial perspectives.

Key words: students' profile; UFSM Archivology Course; entrepreneurship.

1 Introdução

O cenário organizacional tem sido alvo de inúmeras mudanças a fim de corresponder satisfatoriamente ao mercado e suas exigências. Neste cenário, cresce o número de estudos realizados na área de empreendedorismo, que objetivam compreender e contextualizar esse fenômeno nas organizações.

A abordagem a respeito de empreendedorismo envolve uma série de elementos, tais como: independência, ousadia em assumir riscos, inovação, otimismo, identificação de oportunidades e estilo de liderança (CHIAVENATO, 2008). Essas características imprimem ao profissional uma nova forma de conduzir um negócio, buscando proporcionar um processo decisório mais eficaz e, por conseguinte, uma gestão inovadora no competitivo mercado atual.

A partir disso, infere-se que o mercado de trabalho retém os melhores talentos, isto é, profissionais que saibam explorar suas potencialidades e que se comprometam com o desenvolvimento da organização. Portanto, a fim de capacitar este tipo de profissional, muitas instituições de ensino têm criado estratégias de diferenciação na formação de novos profissionais, para que estejam alinhados à perspectiva apresentada.

Dessa forma, a preocupação de uma universidade com a formação de um profissional deve ir além dos limites do próprio curso, ou seja, deve propiciar que o aluno tenha diversas experiências e vivências que possibilitem não só apreender a teoria, mas também que saiba colocá-la em prática no contexto organizacional no qual estará inserido.

Nesse sentido, preocupadas com a formação apropriada ao mercado de trabalho, instituições de ensino superior têm ofertado uma pedagogia empreendedora, a fim de possibilitar uma nova perspectiva ao aluno e estimular sua pró-atividade e com isso proporcionar uma melhor inserção no mercado. Por outro lado, contemplar metodologias de empreendedorismo em sala de aula ainda é pouco comum, visto que se trata de um assunto em expansão e que necessita ser revisto e melhor aplicado às diferentes áreas do saber, para que possa agregar benefícios de maneira satisfatória para a maturidade das profissões (DOLABELA, 2008).

Assim, a fim de compreender o fenômeno do empreendedorismo junto às instituições de ensino superior, torna-se necessário criar mecanismos para analisar se os alunos ingressam com um perfil favorecedor ou se durante o curso existe uma educação empreendedora que o ajude a desenvolver potencialidades de empreender. Assim, é possível conhecer características, competências, influências, habilidades e predisposições que possibilitam chegar ao resultado do perfil empreendedor de alunos.

Neste sentido, a temática de empreendedorismo foi contextualizada à realidade da Arquivologia e retratada por meio desta pesquisa que procurou delinear o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2 Problema de pesquisa e Objetivo

O problema de pesquisa que norteia a presente pesquisa é o seguinte: Qual é o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria?

O objetivo geral do presente trabalho consiste em traçar o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. Em termos específicos pretende-se: contextualizar teoricamente os fundamentos arquivísticos, o ensino e a formação profissional em Arquivologia e o empreendedorismo; analisar as características empreendedoras dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM; e, identificar perspectivas dos alunos em relação ao mercado de trabalho.

3 Revisão Bibliográfica

3.1 A Arquivística

O instrumento balizador da conceituação terminológica da área, isto é, o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 37), apresenta a Arquivística como a “disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos”.

Infere-se que ainda não há um consenso quanto à definição da arquivística, contudo, evidencia-se o crescente interesse da área em promover estudos e pesquisas a fim de promover e afirmar o papel da Arquivologia na sociedade hoje. Isso, aos poucos tem contribuído para o reconhecimento do profissional e tem demonstrado uma maturidade da profissão, culminado dessa forma para uma expansão do mercado de atuação do arquivista.

Outro aspecto de relevância tange a gestão documental. Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), a gestão de documentos trata-se de um conjunto de procedimentos e operações técnicas relacionadas à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.

No âmbito da gestão documental evidencia-se a interdisciplinaridade entre a arquivística e administração, duas áreas amplamente complementares, e nesse sentido, Bellotto (2002, p. 7) ratifica que a ligação entre os arquivos e a administração pública e privada é evidente, visto que os documentos são os registros das atividades exercidas pelos órgãos públicos ou pelas organizações privadas. Assim, a autora defende que os documentos de arquivo são testemunhos inequívocos da vida de uma instituição, na qual as informações sobre o estabelecimento, a competência, as atribuições, as funções, as operações e as atuações exercidas por uma entidade pública ou privada no decurso de sua existência estão registradas nos arquivos. E ainda, demonstram-se como se produzem (e/ou produziram) as relações administrativas, econômicas, políticas e sociais mantidas por aquela entidade.

A partir disso, entende-se que a gestão documental trata-se de dispensar um tratamento arquivístico adequado aos documentos, seja em qual for o suporte e qual for a idade. Assim, cabe ao arquivista estabelecer programas e projetos de gestão documental que venham ao encontro das necessidades das organizações, proporcionando aos gestores o acesso rápido, preciso e eficaz às informações.

3.2 O ensino e a formação profissional em Arquivologia no Brasil

Ao longo dos anos, o volume informacional tomou proporções gigantescas, o que demandou uma necessidade de formação de profissionais capacitados para gerir as informações arquivísticas que se originavam e se acumulavam. Neste contexto, começou-se a fomentar iniciativas que sinalizaram para o estabelecimento do ensino de Arquivologia.

Na década de 70, por meio do Parecer nº 212 de 1972, o Conselho Federal de Educação autorizou a criação de cursos de graduação em Arquivologia no país.

Dados referentes ao ano de 2010, apresentam a existência de 14 cursos de graduação em Arquivologia¹ nas universidades do país, a saber: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de

¹Fonte: Site do Conselho Nacional de Arquivos. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=183&sid=65&tpl=printerview>. Acesso em: 13 jun.2010.

Brasília (UNB), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quanto às estruturas curriculares dos cursos de Arquivologia do Brasil, ao realizar uma retrospectiva, um curso na década de 70 contemplava as seguintes disciplinas: Introdução ao Estudo da História; Noções de Contabilidade; Noções de Estatística; Arquivo I – IV; Documentação; Introdução a Administração; História Administrativa, Econômica e Social do Brasil; Paleografia e Diplomática; Introdução à Comunicação; Notariado; Língua Estrangeira Moderna (JARDIM, 1998). Hoje o curso de Arquivologia precisa “contemplar as exigências da sociedade do conhecimento e a constante mutação do homem contemporâneo, sua aproximação crescente com os valores da cidadania e a necessidade de atualização do saber, favorecendo a formação do arquivista humanista” (DUARTE, 2006, p. 151).

Assim, percebe-se que faz algum tempo que o ensino e a formação do profissional arquivista tem sido centro de debates e reflexões no que se refere ao papel do profissional na sociedade e novas demandas do mercado de trabalho.

Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 26), o arquivista trata-se do “profissional de nível superior, com formação em Arquivologia ou experiência reconhecida pelo Estado”. Por meio da Lei N^o 6.546, de 04 de julho de 1978, foi regulamentado o exercício profissional do arquivista e do técnico em arquivo, através da legitimação de suas atribuições e competências.

O atual mercado de trabalho para o arquivista, assim como na realidade das demais profissões, não é mais o mesmo de anos atrás. A contemporaneidade remete a um profissional atento ao cenário de mudanças, advindas principalmente de inovações em tecnologias e de modernas técnicas e práticas em gestão e administração, exigindo-se assim um profissional em contínua atualização, capacitação e aperfeiçoamento.

Para Bellotto (2004), o arquivista possui um papel eminente na sociedade do conhecimento e destaca que é premente e indispensável que esse papel seja alinhado à própria entidade na qual o arquivista atua como o gestor da informação. É relevante que o administrador compreenda que o arquivista não é um simples trabalhador administrativo, dentro dos limites de um órgão público ou de uma organização privada, que não se encontra ali apenas para passar papéis ou mídias eletrônicas às mãos dos interessados. Assim, sua atuação pode influir no processo decisório das organizações, bem como nas conclusões a que chegam os historiadores acerca da evolução e da identidade da sociedade.

Conforme Duarte (2006) o arquivista tem seguido uma orientação a fim de satisfazer as necessidades informativas, de modo que a administração aprimore suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres, inclusos nos documentos, e ainda, assumir o papel de tornar realidade a pesquisa e a difusão cultural.

A fim de conquistar a valorização do arquivista no cenário corporativo, por meio de um profissional apto a buscar os melhores e mais apropriados recursos, técnicas, ferramentas e programas da Administração, Carucci (1992, apud BELLOTTO, 2004, p. 302) declara que se o arquivista pretende marcar presença na política geral do órgão ou na empresa que trabalha, deve ser capaz de não obstante reproduzir conhecimentos profissionais técnicos, mas também de pensar em termos de empresa. É necessário estreitar laços com as técnicas de gerenciamento, psicologia do trabalho, gestão financeira, etc.

A tendência revelada para o futuro é a de que o arquivista deverá ser um profissional com competência para organizar cientificamente e tornar acessível um conjunto dinâmico de informações registradas em diversos suportes; tenha capacidade de lidar com o usuário final; seja capaz de elaborar projetos e calcular os custos dos serviços arquivísticos; e ainda, saiba

trabalhar em equipe junto com outros especialistas. Por conseguinte, além dessas características, espera-se que o profissional exerça suas funções de modo ético, neutro e transparente e garanta a salvaguarda dos direitos autorais e da privacidade e a acessibilidade aos documentos cuja consulta é franqueada ao público (RODRIGUES, 2006).

3.3 Perfil dos alunos dos Cursos de Arquivologia no Brasil

O cenário arquivístico brasileiro acompanha inúmeras transformações, as quais remetem para uma necessidade de realização de estudos sobre o perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia, a fim de se delinear suas peculiaridades, bem como as perspectivas dos futuros profissionais da área (BORTOLUZZI, 2009). Nesse sentido, conhecer o perfil dos alunos do Curso de Arquivologia torna-se relevante à medida que proporciona informações sobre as características, habilidades e atitudes desta população.

A realidade vivenciada na região sul é apresentada a partir das pesquisas de Dorneles (2005) e Bortoluzzi (2009), que tratam dos perfil dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM.

Dorneles (2005) revela que a maioria dos discentes pertencem ao sexo feminino (69,6%), de faixa etária jovem, isto é, compreendiam a idade entre 15 e 20 anos (41,4%) e a maioria residia em Santa Maria com a família. No que tange a escolha do curso, 32,3% justificou a vocação como principal razão, e ainda, 62,6% consideram que o curso atende, apenas em parte às suas expectativas. Quanto às perspectivas, a pesquisa diagnosticou que a maioria (45,4%) dos acadêmicos pretende continuar atuando na área de arquivos.

Mais atual, a pesquisa de Bortoluzzi (2009), denominada “Perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia (2008): um estudo na Universidade Federal de Santa Maria” apresentou os seguintes resultados: a maioria dos alunos é do sexo feminino (63,49%); a maioria mora com a família (50,79%), sendo que em segundo lugar fica a Casa do Estudante (14,29%). Quanto aos recursos, a maioria (44,44%) depende do auxílio financeiro da família para se manter na cidade. A maioria dos alunos (77,78%) realizou o ensino médio em escola pública. O principal motivo apontado que o levou a optar pelo curso foi o mercado de trabalho (38,46%), seguindo pela baixa concorrência (26,15%) e em terceiro lugar a vocação pela carreira de arquivista (10,77%). No que se refere à formação ofertada pelo Curso de Arquivologia da UFSM, os resultados sinalizam que a maioria dos alunos (33,65%) considera que o profissional formado pelo respectivo Curso é flexível e com boa capacidade de adaptação aos avanços tecnológicos e às mudanças sociais. Quanto às expectativas, elas são atendidas em parte (74,60%) no que diz respeito ao Curso, enquanto que as expectativas em relação ao mercado de trabalho, evidenciam que a maioria dos alunos (68,25%) considera que o Curso atende parcialmente. E no que se refere às perspectivas, a maioria pretende seguir na própria área e continuar se aprimorando, por meio de estudos, em Arquivologia.

3.4 Empreendedorismo

Pesquisas a respeito de empreendedorismo têm ocupado uma posição de destaque em estudos da Administração, nos últimos tempos. Este assunto tem despertado a atenção e resultado no crescente interesse por parte de pessoas físicas, professores, estudantes universitários e representantes do governo em conhecer os empreendedores e o processo de empreendedorismo (HISRICH et al, 2009).

Embora haja todo esse interesse de investigação sobre esse processo, “ainda não surgiu uma definição concisa e universalmente aceita” (HISRICH et al, 2009, p. 27) que conceitue precisamente o empreendedorismo.

De acordo com Hisrich e Peters (2004, p. 29) empreendedorismo permeia-se em um

processo de criar algo novo e com valor, por meio da dedicação de tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal.

Para Britto e Wever (2003) entende-se por empreendedorismo como um fenômeno global, no qual as instituições públicas e privadas têm investido em pesquisas e incentivos, reinvestidos em novos empreendimentos e nas próprias comunidades através da melhoria da qualidade de vida da população.

Assim, o empreendedorismo além de representar a abertura de um negócio próprio; ainda, pode ser concebido na lógica de ser uma estratégia de inovação, isto é, apontar melhorias e soluções para o processo de negócios. Esse tipo de empreendedorismo é denominado intra-empreendedorismo.

Dessa forma, o profissional transpõe paradigmas ao proporcionar inovações ao trabalho, através da interpretação do mercado e da identificação de oportunidades. Afinal, “empreender significa identificar oportunidades permanentemente, inovar e mudar sempre” (DOLABELA, 2008, p. 36).

Atualmente, embora o empreendedorismo assuma uma concepção mais ampla, a idéia de criação do negócio próprio ainda se trata da definição mais difundida para o termo empreendedorismo (MIRSHAWKA, 2003).

Neste sentido, Chiavenato (2008) finaliza que empreender não é somente fundar uma nova empresa ou construir um novo negócio. Empreender é mover a energia da economia, é alavancar recursos, impulsionar talentos, dinamizar idéias. Enfim, empreender é farejar as oportunidades, de maneira rápida e eficiente, focalizando assumir riscos e inovar continuamente, favorecendo por fim o desenvolvimento econômico e o progresso das nações.

3.5 Perfil e comportamento empreendedor

Ao abordar a temática de empreendedorismo, torna-se fundamental apresentar e analisar o agente deste processo: o empreendedor. Conforme, Hisrich e Peters (2004, p. 26) empreendedor é o “indivíduo que se arrisca e dá início a algo novo”.

Para Mirshawka (2003) empreendedor é o indivíduo que consegue fazer as coisas se concretizarem, é capaz de identificar oportunidades de mercado, possui uma primorosa sensibilidade para negócios e tino financeiro para transformar uma ideia em um fato econômico em seu benefício. O mesmo autor acrescenta que o empreendedor deve estar voltado para realizações, que não gosta de trabalho repetitivo e rotineiro, deve ser criativo, ter alto nível de energia e elevado grau de perseverança e imaginação.

A literatura a respeito do assunto apresenta diferentes tipos de empreendedor. Para Mirshawka (2003, p. 91) “o empreendedor mais conhecido é aquele que cria novos negócios, no entanto ele pode inovar dentro de negócios já existentes”. Nesse sentido, os principais e mais consolidados exemplos de empreendedores são: empreendedor corporativo, empreendedor *start-up* e empreendedor social.

Bernardi (2003) considera que várias circunstâncias podem originar um empreendimento e um empreendedor, que podem ou não estar relacionados aos traços de personalidade. Como circunstâncias que fomentam a origem do empreendimento e do empreendedor, o autor cita: o empreendedor nato; o herdeiro; o funcionário de empresa; excelentes técnicos; vendedores; opção ao desemprego; desenvolvimento paralelo e aposentadoria.

O mesmo autor refere-se ainda à existência de uma motivação, isto é, uma alavanca que leva a pessoa a empreender, que pode ser: necessidade de realização; implementação de idéias; independência; fuga da rotina profissional; maiores responsabilidades e riscos; prova de capacidade; auto-realização; maior ganho; status e controle da qualidade de vida.

Outro estudo relevante para contextualizar o comportamento empreendedor é a contribuição de Caird (1988). Em seu trabalho, divulgou um conjunto de características que distinguem os empreendedores. Dessa forma, o estudioso apresentou que as pessoas possuem tendências empreendedoras, isto é, à pessoa empreendedora se associam, comumente, uma série de tendências pessoais, que são: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação.

Essas tendências subsidiaram a elaboração do difundido Teste TEG – Tendência Empreendedora Geral, em 1988. O teste foi desenvolvido na *Durham University Business School* (Inglaterra) e tem fomentado um interesse internacional dos centros acadêmicos, que buscam por meio desse diagnosticar e potencializar as áreas de empreendedorismo e inovação na formação de profissionais.

3.6 Educação empreendedora

O ensino de empreendedorismo encontra-se em fase de evolução e ainda existem pessoas resistentes as potencialidades desta educação, pois acreditam no pressuposto de que as características empreendedoras são natas ao ser humano. Se por um lado existem pessoas que alimentam essa teoria, por outro, principalmente em países mais desenvolvidos, como Canadá e Estados Unidos, a educação empreendedora tem sido alvo de investimentos em escolas e cursos universitários.

As instituições de ensino necessitam rever suas abordagens e como exemplo, cita-se o Curso de Administração, que ainda cultua a formação de profissionais preparados para atuarem em grandes empresas, omitindo outros leques de formação e deixando de atender outros nichos de mercado. Tendências internacionais revelam que no mundo todo o empreendedorismo é uma febre, sendo que o número de instituições universitárias que oferecem esse tipo de conteúdo nos Estados Unidos cresce exponencialmente, sendo inclusive obrigatório o ensino de empreendedorismo em alguns estados americanos (DOLABELA, 2008).

Conforme Dolabela (2008) “a formação de empreendedores nas escolas enseja uma oportunidade única de abordar os conteúdos éticos que envolvem a atividade econômica e profissional”. Nesse sentido, o empreendedor é considerado aquele que oportuniza valor positivo para a coletividade, por conseguinte, esse perfil denota uma responsabilidade com a ética, cidadania e também, um alto comprometimento com o meio ambiente e a responsabilidade social.

“A educação voltada para o empreendedorismo é uma atividade imprescindível que o governo de uma nação deve privilegiar” (MIRSHAWKA, 2003, p. 59). Portanto, devem-se existir iniciativas públicas de estímulo ao empreendedorismo, por meio de políticas de destinação de recursos para o estabelecimento de negócios, pois isso será reflexo de um governo efetivamente empreendedor.

Por fim, Dolabela (2006) enfatiza que as habilidades e capacidades empreendedoras devem integrar programas de ensino em todos os níveis, isto é, desde a educação infantil até a universidade; afinal, o ensino de empreendedorismo é indispensável para qualquer tipo de atividade profissional.

4 Metodologia

O trabalho trata-se de um estudo descritivo de abordagem quali/quantitativa. Quanto a delimitação da população o universo desta pesquisa compreende todos os alunos regularmente matriculados no Curso de Arquivologia da UFSM e que estão freqüentando as disciplinas no primeiro semestre de 2010. Conforme dado disponibilizado pelo Departamento de Registro

Acadêmico (DERCA) da UFSM, o Curso de Arquivologia possui, no total, 119 (cento e dezenove) alunos matriculados, sendo que neste número estão incluídos 9 (nove) trancamentos. Conseguiu-se a aplicação de 68 questionários.

O instrumento para coleta de dados adotado na presente pesquisa consubstanciou-se em um questionário, dividido em duas partes. A primeira apresenta questões gerais (como idade, sexo, etc) e a segunda apresenta o Teste TEG – Tendência Empreendedora Geral. Esse teste foi desenvolvido na Unidade de Formação Empresarial e Industrial da *Durham University Business School*, em Durham, Inglaterra; e, possibilita traçar o perfil empreendedor, a partir de cinco características relacionadas à pessoa empreendedora: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação.

O teste possui 54 (cinquenta e quatro) afirmações, por meio das quais os alunos podem expressar suas reações de acordo ou desacordo. As questões são direcionadas para corresponder as categorias acima mencionadas, onde seis questões relacionam-se à característica “necessidade de autonomia” e as características restantes compreendem doze questões cada. Para cada questão respondida existe uma pontuação que ao final foi distribuída em uma matriz. Após a elaboração e revisão do questionário, realizou-se a sua validação através de um pré-teste junto a alguns alunos do curso, que permitiu a correção de algumas inconsistências e então, procedeu-se a sua aplicação.

No processo de coleta de dados, realizado no mês de maio de 2010, o questionário foi aplicado no período destinado às aulas, na própria sala e conforme prévio agendamento com os professores. O mesmo foi aplicado pela própria pesquisadora, a fim de zelar pelo sigilo e veracidade das respostas, bem como para dirimir quaisquer dúvidas que poderiam surgir.

Após a coleta, realizou-se a tabulação dos dados, que consistiu num primeiro momento, no cálculo de pontuação do Teste TEG (Modelo de Durham). Conforme Gaião et al (2009) as categorias de necessidade de sucesso, tendência criativa, assumir riscos e impulso e determinação poderão atingir a soma máxima de 12 (doze) pontos; enquanto que, na categoria de necessidade de autonomia o valor máximo obtido é de 6 (seis).

Quanto à média esperada, Ferreira e Aranha (2008) apresentam os seguintes números de acordo com as cinco categorias: necessidade de sucesso a média esperada é 9 (nove); necessidade de autonomia a média esperada é 4 (quatro); tendência criativa a média esperada é 8 (oito); assumir riscos a média esperada é 8 (oito); e, impulso e determinação a média esperada é 8 (oito).

Dessa forma, após a tabulação dos dados por meio do cálculo, as respostas do questionário (parte 1 e 2) foram distribuídas em gráficos e tabelas, através do Microsoft Office Excel. Na seqüência, procedeu-se a interpretação e discussão dos resultados da investigação, com base na fundamentação teórica estudada, o que permitiu concluir o trabalho.

5 Análise dos resultados

Nesta seção são apresentados os resultados deste estudo, considerando os objetivos propostos, e tidos teoricamente, com base na fundamentação teórica que integra este trabalho. Primeiramente, foi caracterizado o perfil dos alunos com base nos dados gerais coletados na primeira parte do questionário. Após, apresentam-se os resultados e análise da segunda parte do instrumento que remete ao Teste TEG, que corresponde à tendência empreendedora dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM.

Quanto aos resultados da primeira parte do questionário, em termos gerais, verificou-se que os alunos do Curso de Arquivologia da UFSM são em sua maioria do sexo feminino; de idade entre 19 a 25 anos; estado civil solteiro; possuem rendimento mensal familiar entre

R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00; não possuem familiar empreendedor; conciliam estudos com atividade extra-curricular; optaram por ingressar no curso de Arquivologia devido ao interesse pela área e hoje, objetivam prestar concurso público; em relação às disciplinas, bem como aos docentes do curso, os alunos consideram que os mesmos fornecem conteúdo para se trabalhar em uma empresa já estruturada; e ainda, não tiveram algum trabalho ou alguma disciplina que abordasse a temática de empreendedorismo durante o curso.

Na seqüência, apresentam-se os dados resultantes da segunda parte do questionário aplicado, com o objetivo de levantar as características empreendedoras, de acordo com o Modelo de Durham (1988).

5.1 Necessidade de sucesso

A partir do Gráfico 1, observa-se que na tendência de necessidade de sucesso, nenhuma turma atingiu a média esperada. Salienta-se que a turma que ingressou esse ano foi a que mais se aproximou do desejado e no outro extremo, os formandos foram os que apresentaram o índice menor de pontuação nesta característica.

Assim, infere-se que a maioria não apresenta características como: olhar para frente, auto-suficiência, otimismo, orientação para tarefas e resultados, confiança, persistência (FERREIRA e ARANHA, 2008).

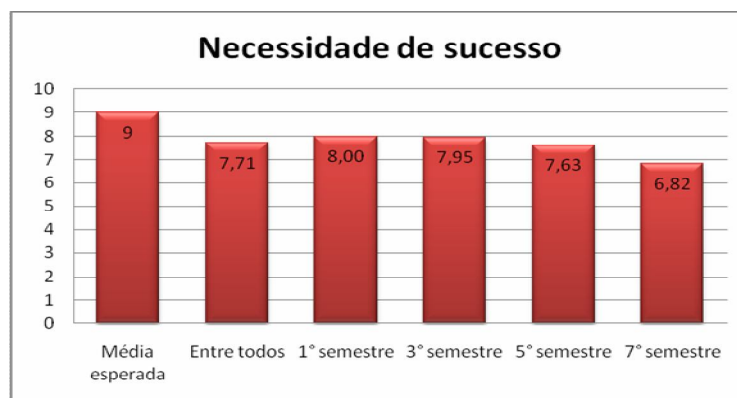


Gráfico 1 – Médias apresentadas em necessidade de sucesso.

A média dos alunos na categoria de necessidade de sucesso vai de encontro do que afirma Dolabela (2008) que defende que o empreendedor é um sonhador realista, ainda que racional, usa também a parte direita do cérebro. Por outro lado, Degen (2005) apresenta que existem fatores que inibem o surgimento de novos empreendedores e neste sentido, afirma que a maioria das pessoas que são bem sucedidas em suas carreiras profissionais nunca pensaram seriamente na possibilidade de iniciar um negócio próprio. O autor defende que não é porque elas não gostariam de se tornar empreendedoras, mas sim por não estarem dispostas a dar um passo, na sua opinião para trás, imprescindível ao sucesso, que significa abandonar o conforto de sua carreira estável para tentar iniciar um empreendimento próprio.

5.2 Necessidade de autonomia

A necessidade de autonomia é a tendência que afirma que o empreendedor tem que ser independente, para que possa enfrentar e abrir caminhos que determinem seus rumos, pois o indivíduo necessita de liberdade para se confrontar com situações decorrentes de novas realidades, aproveitando-se das oportunidades para fazer surgir um novo empreendimento (GAIÃO et al, 2009).

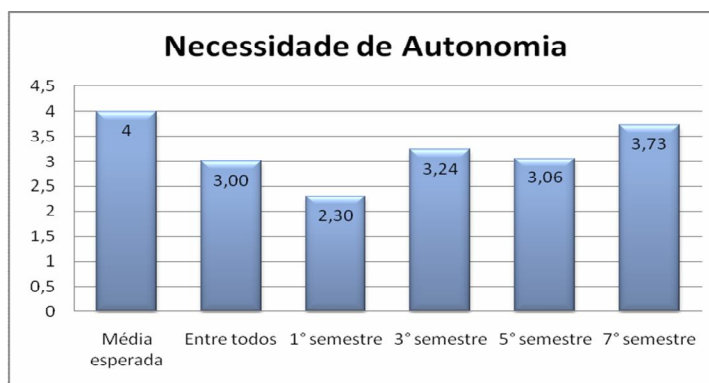


Gráfico 2 – Médias apresentadas em necessidade de autonomia.

A partir disso, no Gráfico 2, observa-se que nenhuma das turmas pesquisadas atingiu a média esperada. Contudo, a turma dos formandos foi a que mais se aproximou do desejado em relação à necessidade de autonomia. Conforme Hansemark (1998) necessidade de autonomia caracteriza o empreendedor como uma pessoa que gosta de tomar as decisões e ter o controle das situações.

Neste sentido, possuir autonomia significa ter liberdade, a qual possibilitará o pleno desenvolvimento de empreendimentos, pois o empreendedor não poderá ficar na dependência de outra pessoa, ele é quem deverá tomar as melhores decisões, e na maioria das vezes, sozinho. Pesquisas mostram que os empreendedores de sucesso são pessoas independentes, as quais enxergam os problemas inerentes a um novo negócio, contudo, acreditam em suas habilidades pessoais para superar tais problemas (CHIAVENATO, 2008).

Portanto a necessidade de autonomia, ou também chamada de necessidade de independência significa a capacidade de determinar seus próprios passos, abrir seu próprio caminho, enfim, buscar a independência é meta fundamental para o sucesso. E ainda, o empreendedor deve ser livre, evitando protecionismos que no futuro poderão se tornar obstáculos aos negócios (SALIM et al, 2004). No que diz respeito às qualidades desta categoria, apresentam-se as seguintes: realizar trabalhos pouco convencionais, trabalhar sozinho, necessitar expressar o que pensa, não gostar de receber ordens, tomar suas próprias decisões, não se render a pressão do grupo (FERREIRA e ARANHA, 2008).

5.3 Tendência criativa

Na tendência criativa, a partir do Gráfico 3, visualiza-se que nenhuma turma atingiu a média esperada. Vale ressaltar que a turma do primeiro semestre foi a que apresentou o índice mais alto.

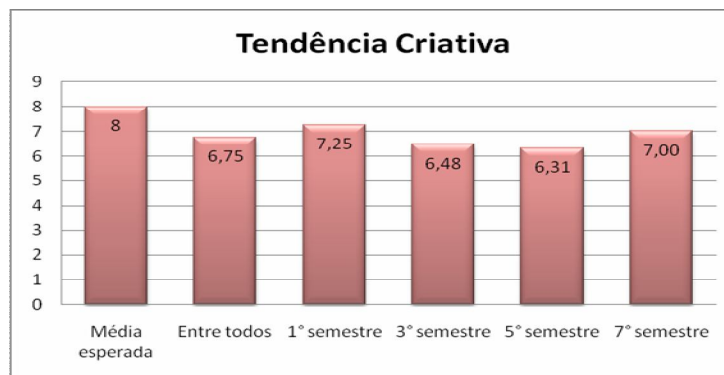


Gráfico 3 – Médias apresentadas em tendência criativa.

Portanto, a partir dos resultados, observa-se que os alunos apresentam muito pouco das qualidades inerentes a criatividade. Nesse sentido, os alunos são pouco imaginativos e inovadores, não possuem a tendência de sonhar acordado, são poucos versáteis, pouco curiosos, pouco intuitivos e não são muito propensos a novos desafios e mudanças.

Esta constatação encontrada no curso não coaduna com o embasamento de Dolabela (2006), que revela a criatividade como uma das principais características do empreendedor, por meio da qual o empreendedor necessita perceber o mercado de forma diferenciada, ver o que os demais não percebem. Degen (2005) defende que é por meio da criatividade que o futuro empreendedor começa a associar as observações dos mais diversos tipos e formas de empreendimentos. A diferença entre os empreendimentos de sucesso e os medíocres ou fracassados é justamente a criatividade do empreendedor (Ibid., 2005).

Por outro lado, Dornelas (2003) faz uma ressalva mencionando que a criatividade é algo muito presente na maioria dos empreendedores, contudo, isso não significa que uma pessoa que se considera pouco criativa não possa vir a ser empreendedora. Em algumas pessoas a criatividade parece estar mais presente que em outras, isso depende de vários fatores, não só pessoais, mas do próprio ambiente em que se vive, o qual influencia seu comportamento.

Enfim, o arquivista necessita aprimorar a tendência criativa, como por exemplo: para substituir um produto ou serviço mais caro e menos eficiente por outro mais barato; efetivar propostas de marketing nos arquivos; fidelização de usuários; agregação de tecnologias; gerenciamento de recursos, entre outros.

5.4 Assumir riscos

A quarta tendência estudada trata-se de “assumir riscos”. Neste sentido, o empreendedorismo requer ousadia, que se assumam riscos calculados, que se tornem decisões. Assim, abaixo se apresenta o Gráfico 4 que apresenta a tendência de assumir riscos dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM.

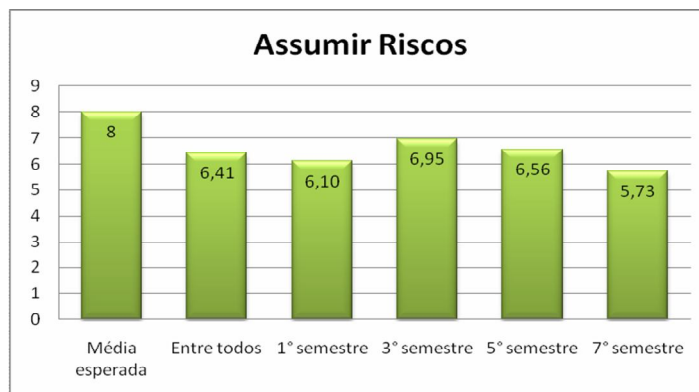


Gráfico 4 – Médias apresentadas em assumir riscos.

A partir do Gráfico 4, quanto a categoria de assumir riscos, todas as turmas pesquisadas apresentaram índices inferiores à média esperada, o que revela que a maioria dos alunos respondentes não está disposta a assumir riscos. Salienta-se que a turma dos formandos apresentou o menor resultado, em contrapartida a turma do terceiro semestre foi a que apresentou um resultado maior na tendência em assumir riscos.

As características inerentes a categoria de assumir riscos se resumem em: atuar com informação incompleta, avaliar os benefícios prováveis frente ao fracasso provável, valorizar com precisão suas próprias capacidades, fixar objetivos que possam ser cumpridos. Dessa forma, assumir riscos configura-se em uma das maiores qualidades do verdadeiro empreendedor (SALIM et al, 2004).

Portanto, na tendência de assumir riscos, os alunos do Curso de Arquivologia da UFSM, em sua maioria, não estão dispostos a assumir riscos, o que não é compatível com a premissa de Dornelas (2003), de que qualquer definição de empreendedorismo envolve esse aspecto, isto é, o empreendedor sempre aceita assumir riscos, desde que sejam calculados.

Degen (2005) aborda que o empreendedor tem de assumir riscos e seu sucesso reside na capacidade de conviver com eles e de poder sobreviver. Assim, as pessoas que necessitam de uma vida regrada, horários certos, salário garantido no fim do mês, provavelmente, não são pessoas feitas para serem empreendedoras. Arriscar de maneira consciente é ter coragem de enfrentar desafios, de tentar um novo empreendimento, de buscar por si só, os melhores caminhos. Os riscos fazem parte de qualquer atividade e se torna crucial saber lidar com eles (SALIM et al, 2004).

Portanto, essa característica imprime um gosto por assumir responsabilidades pelas suas decisões. Assim, os alunos do Curso de Arquivologia, ao pensarem em abrir um negócio próprio devem encarar que poderão ter que assumir riscos diversos, como financeiro, psicológico e familiar. Afinal, o empreendedor por si só tem de assumir riscos, pois seu sucesso está na sua capacidade de conviver e sobreviver a eles. Dolabela (2008) complementa ainda que o empreendedor não é um aventureiro, ele assume riscos moderados; afinal, gosta do risco, mas faz de tudo para minimizá-lo.

5.5 Impulso e determinação

A última tendência trata-se de impulso e determinação, que se trata da característica que se consolida em uma alavanca para a consecução de um empreendimento. Dessa forma, o empreendedor é perseverante e possui atitudes reativas, possuindo foco e obstinação naquilo que quer concretizar. Enfim, ele capta mecanismos para inovar e melhorar continuamente.

Na seqüência, apresenta-se o Gráfico 5 que mostra o resultado da tendência de impulso e determinação dos alunos do Curso de Arquivologia.

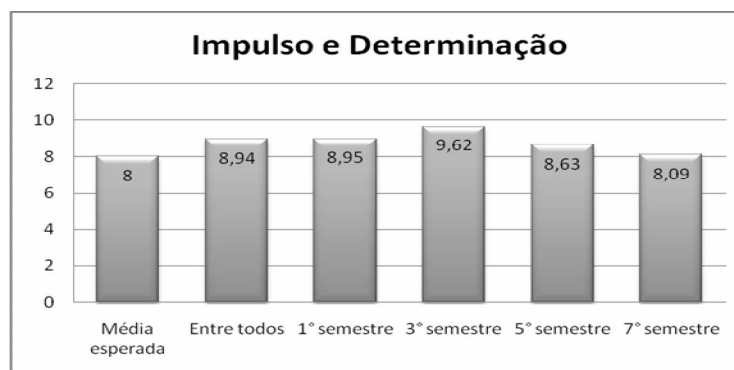


Gráfico 5 – Médias apresentadas em relação a impulso e determinação.

A partir do gráfico acima, observa-se que a categoria de impulso e determinação foi a única tendência que obteve um resultado positivo. Portanto, nesta característica todas as turmas apresentam uma média acima do esperado. Acerca disso, evidencia-se que os alunos do terceiro semestre são os que possuem uma maior tendência de impulso e determinação, revelado pela média de 9,62.

Para Dolabela (2008) o empreendedor possui impulso e determinação à medida que define o que deve aprender para realizar suas visões; e ainda, é pró-ativo diante daquilo que deve saber, ou seja, primeiramente define o quer e onde quer chegar, depois busca o conhecimento que lhe permitirá atingir o objetivo.

Dessa forma, é por meio dessa tendência que o empreendedor efetua mudanças e transformações em seu contexto de atuação. Isso conduz a novos rumos, novos objetivos e novos patamares. Assim, pode-se observar um bom resultado nesta categoria, pois demonstra que a maioria desta população possui impulso e determinação em alcançar seus objetivos. As características inerentes a esta categoria são: aproveitar as oportunidades, não acreditar no destino, fazer a sua própria sorte, ter confiança em si mesmo, igualar resultados com esforços (FERREIRA e ARANHA, 2008).

Portanto, quanto aos alunos do Curso de Arquivologia, pode-se mencionar que eles possuem atitudes, isto é, frente a um obstáculo significativo ele age e muda para outra estratégia a fim de enfrentar os desafios.

A partir das tendências apresentadas, isto é, necessidade de sucesso, necessidade de autonomia, tendência criativa, assumir riscos e impulso e determinação; uma coisa deve ficar claro, ou seja, são poucos os empreendedores que terão alta incidência em todas estas características em seu perfil (DORNELAS, 2003). Portanto, elas podem ser moldadas ao longo do tempo, e ainda, essas tendências encontram-se interligadas, pois ao passo que se explora as potencialidades ao assumir riscos, já se está trabalhando a tendência criativa, por exemplo.

Investigou-se também, se os alunos tinham obtido a média ou superado, em todas as tendências. Observou-se que apenas 5 (cinco) alunos do total de 68 (sessenta e oito) respondentes possuem as cinco tendências empreendedoras.

Após estas análises, pode-se inferir, que os alunos do Curso de Arquivologia da UFSM, em sua maioria, apresentam um nível muito baixo de empreendedorismo. Conforme Caird (1988) se os alunos obtiverem resultados na média ou acima em apenas uma das dimensões de tendência empreendedora, o nível de empreendedorismo é considerado muito baixo, portanto, observa-se que os alunos do Curso de Arquivologia, em apenas uma das tendências empreendedoras, isto é, na característica de impulso e determinação, a pontuação ficou acima da média.

Ao longo da pesquisa, outra questão que despertou interesse foi saber se a variável social como núcleo familiar, citada na literatura como importante para o processo empreendedor, estabelecia alguma relação, isto é, se algum aluno que tinha algum membro da família com negócio próprio possuía um perfil empreendedor. Constatou-se que do universo de 68 (sessenta e oito) alunos respondentes à pesquisa, apenas 9 (nove) tem um exemplo de empreendedorismo no seio familiar. Desses 9 (nove), apenas uma pessoa possui todas as características empreendedoras.

Conforme Fillion (1991) famílias de empreendedores têm maior chance de gerar novos empreendedores e que os empreendedores de sucesso quase sempre têm um modelo, alguém que admiram e imitam. Isso vem ao encontro de Dolabela (2006), que defende que os empreendedores nascem por influência do meio em que vivem, logo, pesquisas relativas ao perfil do empreendedor, verificaram que os empresários de sucesso são influenciados por empreendedores do seu círculo de relações, como a família, por exemplo. Dessa forma, estes estudos revelam que empreendedores possuem sempre um modelo, isto é, alguém que os influencia. Assim, se uma pessoa vive em um ambiente em que ser empreendedor é visto como algo positivo, essa encontrará motivação para também ser empreendedora.

Outra análise intencionou saber, entre a turma dos ingressantes e dos formandos qual era a que possuía uma maior tendência empreendedora. Após analisar as características por meio das médias em cada turma, constatou-se que os alunos que iniciaram o curso em 2010 possuem maior propensão ao empreendedorismo.

No que compete à pontuação de todas as turmas (1º, 3º, 5º e 7º semestre), ao término da pesquisa e análise dos dados foi possível classificar, portanto, as turmas da seguinte maneira: a turma do terceiro semestre apresentou a melhor pontuação, enquanto que a pior foi da turma do sétimo semestre. Contudo, é válido reiterar que o desempenho das turmas foi um pouco semelhante, pois todas apresentaram um nível geral de tendência empreendedora abaixo da média.

Para Dornelas (2003), um dos fatores associados ao maior nível de atividade empreendedora indica que o suporte financeiro é fundamental para o *start up*, isto é, para poder se começar o negócio. Nesse sentido, pode-se inferir que o fato dos alunos possuírem uma renda familiar razoável pode ser um limitante a não pensarem na criação de um negócio próprio.

Por outro lado, Salim et al (2004) afirma que o dinheiro não é o mais importante ingrediente para se começar um negócio. Dessa forma, se as outras partes e talentos existirem, o dinheiro virá. Ao encontro disso, Degen (2005) também defende que um negócio pode sim começar sem dinheiro. Isso pode ocorrer se a pessoa encontrar a fórmula certa para conseguir o recurso necessário, pois a maioria dos empreendedores bem-sucedidos começaram sem reservas. Assim, o futuro empreendedor que quiser iniciar e não dispuser do dinheiro necessário deve realizar uma análise acurada de seu plano de negócios, principalmente quanto às formas de captar dinheiro com terceiros, buscando fontes de financiamento que lhe ofereçam as melhores condições de crédito.

Quanto às disciplinas e aos docentes do Curso, observa-se que a formação ainda precisa sofrer modificações para atender as novas demandas da Arquivologia. Contudo, a partir dos resultados obtidos evidencia que, em termos de empreendedorismo, nosso currículo não possui nenhuma disciplina específica e nas demais disciplinas, os docentes não explanam a temática em sala de aula ou em algum trabalho acadêmico.

6 Conclusão

Este trabalho teve como objetivo geral traçar o perfil empreendedor dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM. Dessa forma, realizou-se um estudo, através do Modelo de

Durham, para identificar se os alunos do curso possuem características empreendedoras. No que se refere às características empreendedoras, afirma-se que os alunos apresentam um baixo nível de empreendedorismo, pois de acordo com as cinco tendências empreendedoras, os alunos do Curso de Arquivologia da UFSM apresentaram apenas a característica de impulso e determinação.

Neste sentido, destaca-se o papel das universidades no sentido de implementarem projetos e programas que visem estimular a educação e a cultura empreendedora. Isto é, as instituições de ensino devem propiciar aos alunos novas formas de incentivar o empreendedorismo entre os universitários. Assim, sugerem-se ações como inserção de disciplinas específicas de empreendedorismo, oficinas, palestras, projetos de ensino/pesquisa e extensão, incubadoras, enfim, tudo isso pode se configurar em estratégias bem sucedidas para alavancar e disseminar a cultura empreendedora, resultando no desenvolvimento de jovens profissionais empreendedores.

Outro aspecto interessante foi que no desenvolvimento da presente investigação, constatou-se que a literatura ainda é pouco escassa a respeito do perfil empreendedor. E mais, estudos sobre empreendedorismo em Arquivologia são ainda mais raros, apenas alguns artigos sobre esse assunto foram encontrados. Portanto, vislumbra-se a necessidade de maior aprofundamento por meio de pesquisas a fim de se estabelecer um perfil modelo, o qual possa contribuir para o aprimoramento de mecanismos adequados para o levantamento e desenvolvimento de outros estudos, bem como para estimular esse perfil junto às instituições de ensino de Arquivologia.

Por fim, torna-se fundamental também que novos estudos sejam desenvolvidos, a fim de dar continuidade para análise do perfil empreendedor dos alunos do Curso de Arquivologia, possibilitando descobrir se nossos programas de graduação têm atendido as perspectivas empreendedoras. Assim, poder-se-á ter subsídios para identificar os fatores que levam a ausência das tendências empreendedoras, assim como para avaliar o impacto que a educação empreendedora pode trazer para a formação profissional do futuro arquivista. Assim, salienta-se a importância do empreendedorismo, visto que a educação empreendedora revela-se como uma forma de ensino e estímulo para a busca de soluções, criação e gestão de empreendimentos competitivos. Enfim, espera-se que este trabalho traga contribuições significativas para a formação de arquivistas, cada vez mais, alinhados às exigências do cenário corporativo.

Bibliografia

BELLOTTO, H. L. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

_____. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BERNARDI, L. A. **Manual de Empreendedorismo e Gestão**: fundamentos, estratégias e dinâmicas. São Paulo: Atlas, 2003.

BORTOLUZZI, R. **Perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia (2008)**: Um estudo na Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquivologia, UFSM. Santa Maria, 2009.

BRITTO, F.; WEVER, L. **Empreendedores brasileiros**: vivendo e aprendendo com grandes nomes. 2.ed. Rio de Janeiro : Campus, 2003.

- CAIRD, S. **A review of measuring enterprise attributes**. DUBS, august, 1988.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Saraiva, 2008.
- DEGEN, R. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: Makron Books, 2005.
- DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas, n. 51).
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Picture, 2006.
- _____, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DORNELES, S. L. **O perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia da UFSM (2004)**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquivologia, UFSM. Santa Maria, 2005.
- DUARTE, Z. **Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional**. In: Revista da Faculdade de Letras, Porto, 2006.
- FERREIRA, R. C.; ARANHA, E. A. **Análise do perfil empreendedor de graduados em Engenharia de Produção Mecânica**. Universidade Federal de Itajubá. Minas Gerais: UNIFEII, 2008.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários – gerentes de pequenos negócios. In: **Revista de administração**. v. 34, n. 2, p. 05-28, abr. - jun. 1991.
- GAIAO et al. **Diagnóstico da tendência empreendedora através do modelo de Durham: um estudo de caso no setor educacional**. Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol. 8. N. 3. 2009.
- HANSEMARK, O. C. The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, V.4, n.1, p., 28-50. 1998.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HISRICH, R. D. et al. **Empreendedorismo**. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- JARDIM, J. M. A Universidade e o ensino de Arquivologia no Brasil. In: **Algumas reflexões sobre o ensino e práticas na área da informação**. Niterói: EdUFF, 1998 (Estudos e Pesquisas, n. 2).
- MIRSHAWKA, V. **Gestão criativa: aprendendo com os mais bem-sucedidos empreendedores do mundo**. São Paulo: DVS Editora, 2003.
- RODRIGUES, G. M. A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasses e desafios atuais. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, XIV., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AAB, 2006.
- SALIM, C. et al. **Administração empreendedora: teoria e prática usando o estudo de casos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

